

COMPOSTOS NEOCLÁSSICOS: ESTRUTURA E FORMAÇÃO

Carlos Alexandre Gonçalves¹

carlexandre@bol.com.br

RESUMO: Neste artigo, analisamos um conjunto de palavras morfologicamente complexas do português comumente denominadas de “compostos neoclássicos” – construções com bases presas de origem grega ou latina, a exemplo de ‘sociopata’, ‘pedofilia’ e ‘xenófobo’, entre tantas outras. O principal objetivo do trabalho é examinar a estrutura dessas palavras, considerando, para tanto, (i) o estatuto dos elementos constitutivos e (ii) sua relação com formações de mesma natureza em línguas como o inglês, o francês e o grego moderno.

PALAVRAS-CHAVE: composição; derivação; *continuum*; formas eruditas.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, analisamos um conjunto de palavras morfologicamente complexas do português comumente denominadas de “compostos neoclássicos” – construções com bases presas de origem grega ou latina, a exemplo de ‘sociopata’, ‘pedofilia’ e ‘xenófobo’, entre tantas outras. O principal objetivo do trabalho é examinar a estrutura dessas palavras, considerando, para tanto, (i) o estatuto dos elementos constitutivos e (ii) sua relação com formações de mesma natureza em línguas como o inglês, o francês e o grego moderno. Para atingir o segundo objetivo, baseamo-nos numa série de trabalhos recentes sobre o assunto (Corbin, 2001; Lüdeling *et al.*, 2002; Iacobini, 2004; Amiot & Dall, 2007; Kastovsky, 2009; Petropoulou, 2009; Ralli, 2010).

Em relação ao estatuto morfológico dos elementos neoclássicos, tentamos, no artigo, responder às seguintes questões, fundamentalmente: (a) quão diferentes são as palavras neoclássicas do restante das formações nativas atuais?; (b) formas como hidro-, eco- e -dromo têm o mesmo comportamento em português?; (c) são radicais, afixos ou formam uma

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro – Professor Associado II. Pesquisador do CNPq.

categoria à parte?; (d) são fósseis linguísticos ou constituintes disponíveis para novas formações?

Argumentamos que a estrutura de compostos neoclássicos em português é fortemente influenciada pelas propriedades dos elementos que figuram na posição final, os quais impõem maior número de restrições em suas combinações. Além disso, pretendemos demonstrar que alguns dos elementos de segunda posição, como -metro, -dromo, -logo, -grafo e -latra, apresentam, hoje, comportamento típico de sufixos, o que nos faz questionar se são realmente compostas as palavras de que participam.

O trabalho se estrutura da seguinte maneira: em primeiro lugar, definimos o fenômeno e fazemos uma pequena revisão da literatura em língua estrangeira. A seguir, apresentamos as principais características morfológicas e semânticas dessas formações. Por fim, mostramos que, em português, longe de constituir uma classe bem definida de elementos homogêneos, os chamados “radicais eruditos” (Góes, 1945; Heckler et al., 1981) compõem um grupo bastante heterogêneo, reunindo desde exemplares fossilizados e formas com estatuto de radical a elementos com comportamento próximo ao das derivações mais canônicas.

1. COMPOSIÇÃO NEOCLÁSSICA: PRIMEIRAS IDEIAS

A composição neoclássica constitui estrutura recorrente na morfologia de muitas línguas europeias, não apenas as neolatinas, pois o processo foi (e ainda é) largamente utilizado na formação dos chamados “internacionalismos”² (Wexler, 1969) – formas que caracterizam um vocabulário universal técnico-científico, de inspiração predominantemente greco-latina³.

Como bem observa Lüdeling (2009), uma palavra ou um elemento neoclássico não é simplesmente qualquer item etimologicamente latino ou grego. Como o latim (e, em parte, o grego) foi a língua franca e oficial em muitos países europeus por muitos séculos, não é de admirar que elementos latinos e gregos sejam largamente encontrados em diversas línguas

² Internacionalismo, na visão de Ralli (2010: 03), é um termo usado como “descrição pragmática de palavras morfofonologicamente semelhantes em diferentes línguas, que, formadas com elementos do grego e do latim, expressam o mesmo conceito”.

³ A Medicina é uma especialidade que utiliza uma linguagem própria, técnica, com “sistemas de classificações (...) que permitam o intercâmbio de especialistas de diferentes lugares do mundo” (Contente, 2008: 32). Para esse fato, contribuem decisivamente os numerosos termos comuns no plano interlinguístico, uma vez que os “(...) internacionalismos (termos, formantes e latinismos) têm uma função importante na universalidade da língua científica médica (Contente, 2008: 21). Não surpreende, portanto, que a maior parte dos compostos neoclássicos esteja a serviço de nomeações na área médica.

não românicas. Essa condição, no entanto, não é suficiente para caracterizar determinado formativo como neoclássico. Para Lüdeling (2009), o chamado “estilo neoclássico na formação de palavras” corresponde, na verdade, à utilização, nas estruturas morfológicas de uma língua, de elementos greco-latinos que não foram totalmente assimilados à língua tomadora (Corbin, 2001). Esse estilo tornou-se produtivo nos séculos XVII e XVIII, principalmente porque houve um movimento de retomada do latim como língua franca. Ao mesmo tempo, a evolução das ciências, nos séculos XIX e XX, promoveu o desenvolvimento da terminologia utilizada, “que combina elementos clássicos para nomear entidades que facilitem a internacionalização conceptual e temática entre instituições e especialistas de diferentes países” (Contente, 2008: 32).

Palavras neoclássicas não são simplesmente empréstimos. Como afirma Lüdeling (2009: 04), “tais construções são formadas por mecanismos que muitas vezes diferem da formação de palavras com radicais nativos, mesmo nas línguas românicas”. Na literatura morfológica, o termo neoclássico é utilizado em referência à composição com bases gregas e latinas, a exemplo das que se observam no quadro em (01), a seguir, com correspondentes em várias línguas, muitas das quais sem parentesco direto:

(01)

português	inglês	alemão	francês	holandês	romeno
biólogo	biologist	Biologe	biologiste	bioloog	biolog
biógrafo	biographer	biograph	biographe	biograaf	biograf
centímetro	centimeter	zentimeter	centimètre	centimeter	centimetru
hipódromo	hippodrome	hippodrom	hippodrome	ippodromo	hipodrom
microscópio	microscope	mikroskop	microscope	microscoop	microscop
telefone	telephone	telefon	téléphone	telefoon	telefon
homossexual	homosexual	homosexuell	homosexuels	homoseksueel	homosexual
ecologia	ecology	ökologie	écologie	ecologie	ecologie
biblioteca	library	bibliothek	bibliothèque	bibliotheek	biblioteca

Como se vê no quadro em (01), há elementos, palavras e mecanismos semelhantes em idiomas diferentes. Por isso mesmo, mostra Tomaszewicz (2008), há uma série de perguntas comuns que devem ser abordadas na teoria morfológica. Tais questões dizem respeito, sobretudo, (a) ao *status* dos elementos neoclássicos; (b) à natureza de sua combinação; e (c) à questão da produtividade.

Uma das principais controvérsias envolvendo a composição neoclássica é sua possível incorporação ao sistema de formação de palavras da língua nativa em que aparece. Dessa maneira, uma questão que logo se levanta, quando da análise desse tipo de estrutura, é se

constitui fenômeno marginal nessas línguas, sendo, por isso mesmo, fruto de relacionamentos históricos que se refletem no léxico, ou se, na verdade, é um mecanismo produtivo, usado para criar vocabulário novo, não necessariamente técnico.

Pelo que se observa na literatura recente (cf., p. ex., Lüdeling, Schmid & Kiokpasoglou, 2002; Iacobini, 2004; Petropoulou, 2009; Kastovsky, 2009), elementos equivalentes a -logo, homo-, -metro e micro-, entre tantos outros, não têm o mesmo estatuto em todas as línguas em que ocorrem, sendo caracterizados em algumas como verdadeiros “fósseis morfológicos” e em outras, como formas recorrentes, utilizadas com relativa frequência na criação de novas unidades lexicais.

Há outras controvérsias envolvidas na composição neoclássica. Uma delas, derivada da própria natureza heterogênea dos constituintes nas diversas línguas em que aparecem, vem sinalizada na nomenclatura utilizada, como se vê em (02), a seguir:

(02) raízes neoclássicas (Scalise, 1984); raízes de fronteira (ten Hacken, 1994); afixoides (Marchand, 1969); semiafixos (Schmidt, 1987); pseudoafixos (Katamba, 1990); formas combinatórias iniciais / finais (Bauer, 1988); confixos (Martinet, 1979); arqueconstituintes (Corbin, 2001); afixos (Bauer, 1979).

Obviamente, cada um dos termos em (02) corresponde a uma diferente análise para as construções em que ocorrem. No entanto, a própria terminologia já dá mostras da dificuldade de categorizar tais formas, que parecem transitar na fronteira entre radical e afixo (Bauer, 2005). Como se observa, o termo utilizado pode focalizar um eventual comportamento de unidade da composição (raízes neoclássicas, raízes de fronteira) ou da derivação (afixos, confixos, afixoides), havendo, ainda, designações mais neutras ou imparciais (formas combinatórias, arqueconstituintes).

A composição neoclássica recebeu pouca atenção na literatura, com exceção de poucos trabalhos que se dedicaram exclusivamente à questão (p. ex., Cannon, 1992; Bauer, 1998, Lüdeling *et al.*, 2002, Baeskow, 2004), mas vem ganhando destaque nos últimos anos, talvez em função do atual interesse pela discussão das fronteiras entre as operações morfológicas (Bauer, 2005; Booij, 2010). Vejamos, a seguir, as implicações de algumas das designações apresentadas em (02).

Se decidimos nomear esses elementos de afixos, como fizeram Bauer (1979) e Williams (1981), então devemos dividi-los em prefixos e sufixos. Nesse caso, micro-, aero-, odonto-, auto- e hidro-, entre outros, seriam prefixos e -grafo, -logo, -crata e -pata, por sua vez, sufixos. Se, por outro lado, os considerarmos raízes presas, a exemplo de ten Hacken (1994) e Baeskow (2004), essa postura nos levaria a um conjunto de afixos que se combinam

com algumas dessas partículas de maneira frequente e sistemática. Um exemplo é a raiz presa graf-, comumente encontrada em combinações com os afixos -ia, -ico, -ar e -ismo (‘grafia’, ‘gráfico’, ‘grafar’, ‘grafismo’). Nesse caso, então, teríamos de admitir que (a) há alomorfia entre as formas graf- e -grafo e (b) sufixos como -ia e -ico são especiais na língua, uma vez que formam palavras a partir de radicais sem livre-curso (Petropoulou, 2009).

Finalmente, a escolha do termo forma combinatória (*combining form*) igualmente nos levaria a agrupar esses itens em dois conjuntos: o de elementos como econo-, bio- e euro-, descritos por Bauer (1998) como formas combinatórias iniciais, e o de elementos como -nomo, -voro, -fobo e -metro, conhecidos como formas combinatórias finais. A própria divisão em classes evidencia que alguns desses constituintes apresentam restrições contextuais e, também nesse aspecto, assemelham-se a afixos: são unidades definidas por uma posição pré-determinada na estrutura da palavra (à esquerda ou à direita de outro constituinte).

Como mostra Petropoulou (2009), todos os termos em (02) – e as diferentes análises para as quais apontam – têm recebido críticas de natureza variada. Para começar, o estatuto de afixo foi questionado desde cedo com o simples e significativo argumento de que um afixo não pode ser prefixo em algumas palavras e sufixo em outras. Como Scalise (1984) aponta, muitos deles aparecem tanto na posição inicial quanto na posição final, como se observa nos dados em (03), a seguir:

- | | | |
|------|----------------------------------|----------------------------------|
| (03) | <i>fonética / telefonia</i> | <i>democrata / epidemia</i> |
| | <i>cefalópode / microcéfalo</i> | <i>morfologia / metamorfo</i> |
| | <i>filósofo / pedofilia</i> | <i>grafotécnico / caligrafia</i> |
| | <i>cronômetro / anacrônico</i> | <i>poliglota / glotologia</i> |
| | <i>antropônimo / filantropia</i> | <i>velocípede / pedicure</i> |

Além disso, segundo a mesma análise, a de que são afixos elementos como bio- e grafo-, formas como ‘biógrafo’ teriam de ser analisados como constituídas de um prefixo e um sufixo, mas não necessariamente de um radical. Por fim, se esses elementos são afixos, como explicar os sufixos que de fato se adjungem a eles, como -ia? Por exemplo, o que -ia, em ‘biografia’, e -ico, em ‘odontológico’, poderiam ser (Scalise, 1984)? Por fim, o argumento mais consistente contra essa visão é o fato de esses elementos terem maior densidade semântica que um afixo mais prototípico. Essa propriedade os coloca numa diferente categoria de entidades morfológicas (Scalise, 1984) e o próprio Bauer (1979) logo reviu sua posição (Bauer, 1983; 1988).

Em Martinet (1979: 143), formas como as que constam de (03) são chamadas de confixos e definidas da seguinte maneira: “elementos que gradualmente adquirem

característica de afixo, mas, em decorrência da oscilação posicional, formam uma categoria à parte”. O grande inconveniente desse termo, confixo, está no fato de a maioria esmagadora dos formativos de origem clássica não apresentar mobilidade posicional. Como se vê nos dados em (04), a seguir, vários elementos aparecem numa borda pré-determinada na estrutura da palavra:

- | | | |
|------|-----------------------------------|---|
| (04) | borda esquerda da palavra | borda direita da palavra |
| | homo-, bio-, eco-, tele-, hetero- | -dromo, -voro, -latra, -pata, -fobo, -crata |

O termo *forma combinatória*, por sua vez, é usualmente adotado para descrever elementos de natureza variada, além dos aqui trabalhados⁴: (a) formas encontradas em diferentes posições, como ‘antropo’ (‘filantropia’, ‘antropólogo’); (b) porções fonológicas oriundas de encurtamentos (*clippings*), como euro- e choco-; e (c) itens morfológicos resultantes de mesclas lexicais, a exemplo de -holic (‘workaholic’, ‘chocoholic’ << ‘alcoholic’), -gate (‘Bushgate’, ‘Irangate’ << ‘Watergate’) e -thon (‘bikethon’, ‘walkathon’ << ‘marathon’)⁵.

Para autores como Lehrer (1998), a situação dos compostos neoclássicos parece semelhante à das formações com partes de palavras, já que regularmente aparecem não apenas em combinações entre si, mas também com formas nativas livres, como, por exemplo, as palavras inglesas ‘filmography’ e ‘microcomputer’, assemelhando-se, dessa maneira, a formas combinatórias. Exemplos do português na linha de ‘filmography’, com uma base de livre-curso e um elemento clássico, são os seguintes, entre tantos outros:

- | | | | | |
|------|----------------|----------------|------------|----------------|
| (05) | desconfiômetro | biocombustível | hidroavião | sapatólatra |
| | eco-renovação | aerodelismo | bumbódromo | geodiversidade |

⁴ De acordo com Kastovsky (2009: 02), o termo *forma combinatória*, amplamente utilizado na literatura morfológica nas últimas décadas do século passado (p. ex., Bauer, 1998; Lehrer, 1998), parece ter vindo do *Oxford English Dictionary*. De acordo com o autor, “o termo foi adotado para nomear parte de empréstimos do grego e do latim ou formações do inglês que não se utilizam propriamente de palavras nem são identificáveis facilmente com afixos”.

⁵ Em inglês, a forma -holic, oriunda da reanálise de ‘alcoholic’ (“alcoólatra”), designa algo parecido com nosso -latra (‘chocólatra’, ‘filmólatra’): “viciado em X”. A sequência -gate, proveniente de ‘Watergate’, remete a “escândalo” e também é disponível no português do Brasil, a exemplo de formações como ‘banheirogate’ (“o escândalo do banheiro”), tipicamente portuguesa. Por fim, -thon, de ‘marathon’, remete a qualquer evento de duração prolongada. No português do Brasil, como mostram Gonçalves, Andrade & Almeida (2010), é muito comum, entre tantas outras, a utilização de formas recorrentes como -drasta e -trocinio, partículas que se originaram dos cruzamentos vocabulares ‘mãedrasta’ e ‘paitrocínio’, nessa ordem.

Também Giannouloupoulou (2000) observa que, em grego moderno, vários radicais eruditos do grego clássico foram pouco a pouco perdendo o estatuto de lexemas e progressivamente assumindo comportamento de afixos. Sua análise baseia-se na abordagem de Jespersen (1925), de compactação (*secretion*)⁶, também proposta por Warren (1990) para o inglês. Nessa abordagem, parte de uma palavra complexa é encurtada e adquire novo significado especializado ao se adjungir sistematicamente a formas com livre-curso na língua. Warren (*op. cit.*) incorpora, na mesma análise, tanto as formas clássicas de combinação, como ‘eco-’ e ‘bio-’, quanto as não clássicas, como -gate, de ‘Yuppiegate’ (decorrente de ‘Watergate’), e -ware, de ‘firmware’ (<< ‘hardware’, ‘software’). Giannouloupoulou (2000) também aborda da mesma maneira as formas iniciais e finais de combinação do grego moderno, que ela chama de confixos, seguindo a tradição francesa. O processo de que participam, ou seja, a confixação, poderia ser descrito como um tipo de derivação (não de composição)⁷.

O comportamento multifuncional dos elementos neoclássicos em português – que, como em inglês, aparecem tanto em combinações entre si quanto com formas nativas – poderia dificultar a classificação dos compostos neoclássicos em uma categoria própria. Além disso, mostra-nos Petropoulou (2009), esse tipo de formação envolveria outros problemas de semelhante envergadura: figuraria nos limites entre (a) palavras nativas e não nativas, (b) formas simples e complexas, (c) formas abreviadas e não abreviadas.

Apesar de semelhantes em alguns aspectos, formações com *splinters*⁸ e compostos neoclássicos apresentam diferenças semânticas e formais e, por isso mesmo, talvez não seja oportuno, como salientam Ralli (2010) e Kastovsky (2009), entre outros autores, descrevê-los a partir da rubrica genérica *forma combinatória*.

No nosso entendimento, o problema de nivelar os constituintes da composição neoclássica (-metro, homo-) com os provenientes de encurtamentos (choco-, afro-) ou fusões lexicais (-drasta, -trocínio) está no fato de formativos considerados eruditos nem sempre

⁶ Em inglês, o termo *secretion* remete ao ato ou ao processo de separação, elaboração e envio de substância que preencha adequadamente alguma função, motivo pelo qual traduzimos *secretion* por compactação.

⁷ Observa-se certa correspondência entre os termos *forma combinatória* e *confixo*. O primeiro está mais associado à Linguística norte-americana e o segundo, à francesa. Na abordagem de Martinet (1979), no entanto, confixo remete a uma forma presa sem restrições posicionais.

⁸ Como observa Gonçalves (2011), constituintes como -trocínio e -drasta vêm sendo denominados de *splinters* (Bauer, 2005). Em linhas gerais, *splinters* são pedaços de palavras utilizados com fins lexicais e geralmente resultam de processos de fusão vocabular (cruzamentos ou substituições sublexicais). No português do Brasil, há outros casos de *splinters*, além de -drasta e -trocínio, como -lândia, que aparece em várias formações designando lugar (‘brizolândia’, ‘cracolândia’ e ‘empregolândia’), e -asta, forma que atualiza o significado de quem produz (‘cineasta’, ‘videasta’ e ‘remakeasta’).

aparecem em novas formações evocando o significado das formas de onde se originaram, como acontece com a recomposição e o cruzamento vocabular. Observe-se, nos exemplos a seguir, em (B) e (C), que o significado de nova forma evoca o da construção de origem. Nas palavras em (A), isso não necessariamente acontece:

(06)

A	B	C
olhômetro, impostômetro	chocolícia, chocomania	mãetrocínio, tiotrocínio
bodódromo, fumódromo	eurocopa, euroturismo	sorvetone, iogurtone
mulherólogo, achólogo	moto-táxi, moto-ladrão	sacolé, sucolé

Como se observa na pequena amostra em (06), formas resultantes de encurtamentos (B) e cruzamentos vocabulares (C) são interpretadas sempre considerando uma forma plena. Por exemplo, ‘eurocopa’ é a “copa da Europa”, ‘chocomania’, a “mania de chocolate” e ‘sorvetone’ e ‘tiotrocínio’, nessa ordem, o “panetone de sorvete” e o “patrocínio pelo tio”. Nas formas em (A), ao contrário, os elementos à direita apresentam significado mais genérico, caracterizando algum tipo de medida (as com -metro na segunda posição), um local (as terminadas em -dromo) e um especialista (as finalizadas em -logo). Assim, os elementos morfológicos em B e C apresentam um grau maior de dependência das formas plenas de onde resultaram os encurtamentos, atualizando significados mais lexicais que os encontrados nas formas em A, cuja interpretação do produto independe da vinculação a palavra-matriz específica.

De fato, a interpretação de ‘fumódromo’ não necessariamente remete a ‘hipódromo’ ou a ‘autódromo’. Do mesmo modo, ‘mulherólogo’ não depende de uma palavra específica em -logo para ser interpretada. Diferente acontece com os *splinters*, que, ao que tudo indica, ainda mantêm forte conexão com suas formas de base e, por isso mesmo, são interpretados a partir delas: por exemplo, ‘sacolé’ é um “picolé em saco” e ‘caipivodka’, “caipirinha feita com vodka”.

De acordo com Petropoulou (2009) e Ralli (2010), se considerarmos a análise por formas combinatórias, “definitivamente perderíamos um fato importante: há uma grande quantidade de palavras com elementos de línguas clássicas que possuem características muito semelhantes, e podem, portanto, formar uma classe própria, que chamamos de compostos” (Petropoulou, 2009: 42). Por isso, as autoras preferem denominar os constituintes de *raízes de fronteira*, argumentando que, em grego moderno, tais elementos de fato formam compostos. Mais adiante, mostraremos que essa denominação não se mostra inteiramente adequada para os dados do português porque, em nossa língua, ao contrário do grego moderno

(Giannouloupoulou, 2000) e do holandês (Booij, 1992), e à semelhança do inglês (Bauer, 1998), a composição neoclássica envolve elementos heterogêneos. Antes disso, porém, vejamos, a seguir, que características fazem com que tais elementos formem uma classe especial de constituintes morfológicos.

2. PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA COMPOSIÇÃO NEOCLÁSSICA

Em linhas gerais, compostos neoclássicos se estruturam com base em formativos de origem greco-latina que, geralmente, não aparecem como elementos livres na língua tomadora. Cinco propriedades vêm sendo utilizadas para definir esses formativos:

(a) *Lexematicidade na língua de origem* (Petropoulou, 2009):

em latim ou grego, eram, em sua maioria, lexemas livres, podendo, inclusive, receber marcas flexionais variadas⁹. Nas línguas tomadoras, são formas sem livre-curso.

(b) *Ausência de realização sintática na língua-alvo* (Ralli, 2010):

em português (inglês, francês, alemão e assim por diante), tendem a funcionar apenas como elementos morfológicos, não correspondendo a palavras. Por exemplo, são estanhas em nossa língua sentenças como (b1) *o antropo quase me assaltou, (b2) *comprei um excelente biblio hoje e (b3) *as fofoqueiras deveriam tomar conta de suas próprias bios.

(c) *Tipo de vocabulário que formam* (Bauer, 1988):

as formas complexas em que aparecem pertencem a um vocabulário formalmente aprendido, usado em campos científicos ou técnicos, como a medicina ('laparoscopia', 'eletroencefalograma', 'hematócrito'), a biologia ('omnívoros', 'zootécnico', 'micróbio', 'protozoário'), a geografia ('litosfera', 'monolítico') e a física ('barômetro', 'eletromagnético'), entre tantos outros.

(d) *Tipo de significado que atualizam* (Ralli, 2010):

"carregam um significado concreto, em comparação com os sufixos que têm papel mais funcional (categorial ou relacional), ou possuem significado mais abstrato",

⁹ Por exemplo, a forma 'ludus' ("jogo") funcionava, em latim, como palavra e, por isso mesmo, variava em caso, como se observa em 'Ludus est necessarium vitae conversationem anuncio humanae' (São Thomás de Aquino).

comportando-se, pela natureza do significado, “mais como morfemas lexicais que como morfemas gramaticais” (Ralli, op. cit.: 11).

(e) *presença de uma vogal de ligação entre os componentes* (Corbin, 2001):

de um modo geral, considera-se que compostos neoclássicos apresentam vogal de ligação entre seus constituintes (Scalise, 1984; Fabb, 1998; Bauer, 1998). A vogal -i- está relacionada às formas oriundas do latim, como ‘fungicida’ e ‘herbívoro’, e a vogal -o-, às formas provenientes do grego, como ‘cosmonauta’ e ‘biblioteca’. Em uma fronteira morfológica do tipo/ ... C_F+C_I ... /, em que C representa consoante e F e I, final e inicial, nessa ordem, é sistemática a presença de uma vogal, considerada, pela maior parte dos estudiosos (Kehdi, 1989; Sandamann, 1989; Laroca, 1994), uma espécie de “cola morfológica” entre as duas bases. Em português, a vogal de ligação -o- é bem mais comum que -i-, por aparecer, em hibridismos, quando um dos componentes é de origem grega, a exemplo de ‘equofagia’ (latim + grego, “ato de comer cavalos”) e ‘agronomia’ (latim + grego, “ciência que pesquisa elementos agrícolas”).

As características acima apresentadas, no entanto, não se mostram uniformes nas várias línguas que apresentam compostos do tipo neoclássico. Além disso, numa mesma língua, os radicais gregos e latinos nem sempre se comportam da mesma maneira, havendo, entre eles, uma espécie de gradação quanto ao posicionamento na esfera da composição ou da derivação, como aponta Bauer (1998) e como pretendemos demonstrar na próxima seção.

3. OS RADICAIS GREGOS E LATINOS EM PORTUGUÊS

Vejam, então, o comportamento dos principais radicais de origem grega e latina em português, baseados, em primeiro lugar, na listagem encontrada nas principais gramáticas brasileiras: Cunha (1975), Cunha & Cintra (1985), Luft (1979) e Bechara (2000). Nessas obras, não se diferencia a composição vernácula da neoclássica, mas surpreende a quantidade de “radicais eruditos frequentemente utilizados na formação de compostos” (Cunha, 1975: 143) – foram rastreados dessas gramáticas cerca de 130 “radicais” de origem grega e 80 de origem latina. Obviamente, essas listas contêm elementos de natureza diferente e com variados graus de incorporação ao sistema morfológico do português. Muitos deles hoje se

comportam como prefixos¹⁰, sendo reconhecidos como tais por autores de diferentes filiações teóricas, a exemplo de Goés (1937), Bueno (1988), Sandmann (1989) e Monteiro (1989):

- (07) bi- (bisavô, bissexual); mini- (minissaia, minidicionário); multi- (multissecular, multiangular); pluri- (pluricêntrico, pluricelular); vice- (vice-presidente, vice-diretor); macro- (macrocosmo, macrobiótica); micro- (microcomputador, microcosmo); poli- (poligamia, politeísmo); mega- (megacomício, megaevento).

Inúmeras formas, sobretudo as latinas, podem ser consideradas raízes *doublets*, seguindo a interpretação de Joseph (1998) e Gonçalves (2005), já que apresentam semelhança fônica suficiente para evocar a forma com livre-curso correspondente. Tal é o caso dos quase 30 radicais arrolados em (08), a seguir, todos envolvidos em processos de sufixação, especialmente com -ico e -al:

- (08) crimin (criminoso, criminologia); cruci (crucificar, crucifixo); curvi (curvilíneo, curviforme); homi(n) (hominal, homicídio); pani (panificadora); petr (petrificar, petróleo); pisci (piscicultura, pisciano); quadr (quadrangular, quadrúpede); veloc(i) (velocípede, velocímetro); vin (vinicultura, vinícola); vitr (vitrificar, vitral); arbor (arborícola, arboriforme); fili (filiação, filial); herbi (herbívoro, herbicida); fide(l) (fidelidade, fidedigno); sudor (sudoríparo, sudoral); silvi (silvícola, silvicultura).

Alguns dos elementos considerados eruditos são verdadeiras formas livres na língua, como os listados em (09); outros constam tanto da relação de elementos gregos quanto latinos, alterando apenas a vogal final ou outro segmento fônico (10). Há, ainda, uma série de elementos (a) pouco recorrentes, encontrados muitas vezes numa única palavra, (b) extremamente opacos ou (c) característicos de palavras de utilização restrita na língua ou pouco usuais (11):

- (09) esperma (espermograma, espermogênese); cultura (suinocultura, piscicultura); sexo (sexologia, assexuado); mania (manicômio, cleptomania); calor (caloria, calorífero); estrato (estratosfera, estrato); terapia (cromoterapia, sonoterapia); ferr- (ferrovia, ferrífero, ferrugem); odor (odorífero, desodorante); ton- (tônico, tonificar); tox(ico) (toxicomania, toxina); mito (mitologia, mitomania); digit- (digitador, digitação)
- (10) agro (gr.) ~ agri (lat.): agrônomo, agrotóxico ~ agricultura, agrícola;
cardio (gr.) ~ cordis (lat.): cardíaco, cardiograma ~ cordiforme, coriofólio
- (11) higró (higrômetro, higrófilo); ictio (ictiofagia, ictiologia); miso (misanthropia, misosofia); meso (Mesopotâmia, mesóclise); potamo (Mesopotâmia, hipopótamo);

¹⁰ Uma evidência em favor da análise das formas em (07) como prefixos é a natureza de seus significados. Os elementos em (07) atualizam significados compatíveis aos de advérbios, numerais e preposições, como outros prefixos da língua, a exemplo de re- e intra-.

soma, somo, somato (cromossomo, somatologia); stico (dístico, hemistíquio); xilo (xilografura, xilófago); cupr(i) (cúprico, cuprífero); fugo (centrífugo, vermífugo); loquo (ventríloquo, altíloquo); pari (paridade, paritário); evo (longevidade, longevo); asteno(ia) (astenopia, neurastenia); anemo (anemógrafo, anemômetro); doxo (ortodoxo, paradoxo); edro (poliedro, pentaedro); ergo (ergofobia, ergógrafo); mnemo (amnésia, mnemônico); oligo (oligarquia, oligopólio); ornito (ornitologia, ornitofilia); tanato (eutanásia, tanatofobia); taqui (taquicardia, taquigrafia); bata (acrobata, nefelibata); cali (caligrafia, calidoscópio); oxi (oxítone, oxidação); gono (io) (polígono, goniômetro); lito (litografia, aerólito); sidero (siderurgia, siderografia)

Muitas das formas encontradas nas gramáticas não aparecem em estruturas de composição; são utilizadas basicamente em construções derivadas (12), muitas das quais com estruturação interna tão opaca quanto a de (11):

- (12) beli (bélico, belicista); frig(i) (frigidez, frigorífico); genito (genitor); igni (ignição, ígneo); frater (fraterno, fraticida); ocul(i) (oculista, oculiforme); popul(o) (populoso, populismo); sacar (sacarose, sacarina); telur (telúrico, telurismo)

Enfim, julgamos necessário fazer uma espécie de triagem nas 210 formas greco-latinas que rastreamos das gramáticas normativas. Se descartarmos as formas em (08), (09), (11) e (12), certamente iremos lidar com um contingente bem menor de elementos clássicos. Esse conjunto, no entanto, teria a vantagem de contar apenas com elementos (a) de fato presos (as formas em (09) são livres e as em (08) estão em relação direta com formas livres correspondentes), e (b) um pouco mais transparentes, já que aparecem com maior frequência nas estruturas morfológicas do português e constam de palavras de uso menos restrito, apesar de a maioria ainda ser considerada eruditismo (as palavras em (11) e (12) são opacas e, na maioria, derivadas).

Seguindo Bauer (1988), podemos dividir os radicais remanescentes em dois grandes conjuntos: o de elementos que se fixaram na primeira posição e o de formas que ocorrem predominantemente na segunda posição. Obviamente, alguns desses elementos podem se comportar como confixos, na acepção dada por Martinet (1979), como já sinalizamos na seção 1. Vejam-se exemplares de 1ª e 2ª posição no quadro em (13), a seguir, no qual separamos os itens por língua de origem:

(13)

	gregos	latinos
1ª_ posição	antropo; cromo; crono; datilo; deca; acro; aero; agro; andro; arqueio; astro; auto; biblio; bio; caco; cardio; cito; cosmo; cefalo; demo; dermatio; di; eco; etno; etio; fisio; foto; fono; gastro; geo; gene; gineco; helio; hemo; hepato; hetero; hidro; hipno; hipo; homo; icono; iso; megalo; mono; morfo; necro; neo; neuro; odonto; oftalmo; orto; oto; paleo; pneumo; proto; pseudo; psico; quiro; rino; rizo; sismo; tecno; tele; teo; termo; topo; xeno; zoo	dec(i); ego; equi; lati; oni; ped(i); pluvio; retro; sino; sócio
2ª_ posição	agogo; arqu(ia); crac(ia); dromo; fago; filo; fono; fobo; gamo; grafo; latra; logo; manc(ia); metro; nimo; nomo; pata; ped(ia); pole(is); scopio; sofo; teca	cida; cola; fero; fico; voro

Chama atenção, no quadro acima, o contingente bem maior de elementos gregos, o que se deve, em grande parte, ao recorte feito: muitos radicais latinos tardiamente emprestados apresentam correspondentes livres em português e isso certamente facilita sua vinculação a uma palavra. As formas em (13), no entanto, não apresentam o mesmo grau de disponibilidade na língua, uma vez que muitas só são encontradas em combinação com outros elementos presos. Das relacionadas em (13), são mais interessantes as que podem ser combinadas com formas livres, o que sinaliza a possível produtividade de tais constituintes no atual estágio da língua.

Fizemos uma pesquisa prévia em dicionários eletrônicos (Aurélio, 1999; Michaëllis, 2007; Houaiss, 2001; Aulete, 2009), através de ferramentas de busca encontradas nas próprias obras. Com base nesse primeiro rastreamento, constatamos que vários elementos em (13) não se combinam com formas livres, aparecendo tão somente em palavras mais antigas, a maioria diretamente emprestada de outras línguas. Em linhas gerais, os elementos de 2ª_ posição são os que mais se articulam com bases livres com o significado original em grego / latim.

Em sua maioria esmagadora, os elementos de 1ª_ posição, quando combinados com palavras, aparecem em estruturas de recomposição, aqui entendida como o mecanismo pelo qual se cria um composto a partir do truncamento de outro. Muitas das formas de 1ª_ posição listadas em (13), pelo processo de *clipping*¹¹, são utilizadas sozinhas em referência a todo o

¹¹ Truncamento (do inglês *clipping*) é o processo pelo qual formas sofrem encurtamento, a exemplo de ‘telefone’ >> ‘tele’ e ‘salafório’ >> ‘salafra’. Para autores como Scalise (1984) e Booij (2005), o truncamento pode envolver a criação de afixoides, caso a forma diminuta se torne recorrente. Entendemos que a recomposição é um processo em que a parte truncada adquire o significado do composto de base presa de onde se desgarrou.

composto de onde foram extraídas, adquirindo, com isso, estatuto de palavra. É o que se vê nos dados em (14), a seguir, nos quais é possível a variação em número:

- | | | |
|------|---------------------------------------|--|
| (14) | Tive que fazer dois <i>eletros</i> . | Meu filho passou para <i>odonto</i> . |
| | Comprei dois <i>micros</i> . | Meus <i>oftalmos</i> são excelentes. |
| | Fiz duas <i>ultras</i> ontem. | A faculdade só tem quatro <i>retros</i> . |
| | Estou fazendo <i>psicolsócio</i> . | Tenho que me consultar com um <i>neuro</i> . |
| | Meus filhos são <i>héteros</i> . | Tenho um irmão <i>homo</i> . |
| | A casa dispõe de duas <i>hidros</i> . | Preciso urgentemente de um <i>pneumo</i> . |
| | Hoje vou ao <i>zoo</i> . | Minha prima é <i>fono</i> . |
| | O <i>gastro</i> de lá é péssimo. | Já fiz dois <i>cardios</i> . |

Os elementos morfológicos destacados em (14) podem se envolver em novas formações (recompostas), caracterizando o que pode ser denominado de compactação (zipagem), termo que corresponde, em inglês, ao já aludido *secretion* (Warren, 1990): a parte (truncamento), numa relação de metonímia formal, adquire o significado do todo (composto original) e atualiza esse conteúdo especializado, já bastante diferenciado do etimológico, na combinação com palavras. É o que acontece, por exemplo, como foto-, de ‘fotografia’, em formações como ‘foto-montagem’ e ‘foto-novela’. Nessas construções, foto- é utilizada em referência a ‘fotografia’, não atualizando a acepção primeira de “luz”, “radiação magnética”. Recomposições bastante usuais no português contemporâneo se utilizam de formativos como tele-, de ‘televisão’ ou ‘telefone’, auto-, de ‘automóvel’, moto-, de ‘motocicleta’, e eco-, de ‘ecologia/ecológico’, como se vê nos dados a seguir:

- | | | | | |
|------|------------------|--------------|-------------|-------------|
| (15) | tele-novela | auto-peças | moto-táxi | eco-turismo |
| | tele-denúncia | auto-escola | moto-boy | eco-casa |
| | tele-atendimento | auto-esporte | moto-link | eco-resort |
| | tele-dramaturgia | auto-anúncio | moto-ladrão | eco-atitude |

Também estão passando por um processo de recomposição, acreditamos, elementos como aero- (‘aeromodelismo’, ‘aeromoça’, ‘aeroclube’), agro- (‘agronegócio’, ‘agrotóxico’) e homo-, que estão adquirindo, nessa ordem, o significado de “avião”, “agricultura” e “gay”. No caso de homo-, são extremamente recentes formações como ‘homoafetivo’ e ‘homoperseguidor’. Nessas construções o significado que se atualiza não é o de “semelhante”, pois ‘homoafetivo’ não rotula a união de quaisquer iguais, mas o relacionamento afetivo entre pessoas do mesmo sexo, ou seja, entre homossexuais. Do mesmo modo, ‘homoperseguidor’ nomeia aquele que persegue homossexuais.

Voltemos aos elementos de 1ª posição elencados no quadro em (13). Dessa relação, constam formas que (a) sofrem *clipping* (eletro-, oftalmo-) e, com isso, ganham estatuto de palavra, (b) se especializam semanticamente e constroem recompostos (homo-, eco-), (c) apenas se combinam com outras formas presas (cismo-, cito-, caco-), aparecendo em palavras mais antigas (empréstimos) e de estruturação interna com maior opacidade ('cismógrafo', 'citoplasma', 'cacoépia'). Outras, no entanto, podem se combinar com palavras, preservando o significado etimológico, como, por exemplo, pseudo- e proto-: 'pseudointelectual', 'pseudoclasse', 'pseudocódigo', 'pseudomédico'; 'proto-histórico', 'protolíngua', 'protomedicamento'. Como se vê, a lista é ainda bastante heterogênea e conta com elementos muito diferentes em termos de estrutura, funcionamento e uso. Por isso mesmo, nenhuma das denominações apresentadas em 2.1 – raiz de fronteira, afixoide, pseudoprefixo etc – conseguiria acolher todas elas.

A situação dos elementos de 2ª posição é um pouco diferente. Ao lado de formas aparentemente fossilizadas, como -agogo ('pedagogo', 'demagogo'), -nomo ('agrônomo', 'autônomo'), -fero ('calorífero', 'odorífero'), -cola ('agrícola', 'silvícola') e -fico ('maléfico', 'benéfico'), que aparecem num pequeno número de palavras importadas, há outras encontradas em formações relativamente recentes, a exemplo de -cida, -teca e -voro, como se vê nos exemplos em (16), a seguir:

(16)	germicida	biblioteca	herbívoro
	inseticida	cedeoteca	carnívoro
	raticida	discoteca	frutívoro
	baraticida	fototeca	fumívoro
	pesticida	ludoteca	insetívoro
	vermicida	mediateca	franguívoro
	espermicida	pinacoteca	homínívoro
	bactericida	pornoteca	mulherívoro
	fungicida	teatroteca	bucetívoro
	ervicida	videoteca	cuzívoro

Sejam as formas em (16) provenientes ou não do mecanismo da analogia, nos termos de Basílio (1997), fato é que novos produtos vêm sendo incorporados à língua e a maioria consta de dicionários eletrônicos disponíveis na *internet*: Moderno Dicionário Michäellis da Língua Portuguesa, Dicionário *on line* de português, Dicionário InFormal e Dicionário Priberan da Língua Portuguesa¹². O que fazemos com elementos como esses? Continuamos

¹² Os dicionários podem ser consultados nos seguintes endereços: <http://michaelis.uol.com.br>, <http://www.dicio.com.br>, <http://www.dicionarioinformal.com.br/>, <http://www.priberam.pt>.

afirmando que formam compostos eruditos? São realmente compostas e eruditas as novas formações? Seria melhor recategorizar tais formas, já que, além de presas e adjungidas à direita, apresentam comportamento de sufixos? Quais são as vantagens e as desvantagens dessa análise?

As questões acima formuladas ganham proporção ainda maior quando se constata a existência de elementos clássicos de 2ª posição com potencial de produtividade ainda maior que os listados em (16), pelo menos na variante brasileira. Tal é o caso de -metro, -dromo, -latra, -logo e -grafo, formativos que iremos analisar com mais vagar daqui em diante.

4. O ESTATUTO MORFOLÓGICO DE -METRO, -DROMO, -LATRA, -LOGO E -GRAFO

As gramáticas tradicionais são unânimes na alegação de que o processo de formação de palavras que envolve a utilização dos formativos gregos -logo, -latra, -grafo, -metro e -dromo é tipicamente a composição. Cunha & Cintra, por exemplo, (1985: 107-110) observam que palavras formadas por tais “radicais” são compostos eruditos resultantes da associação morfossintática de duas bases; ressaltam, ainda, que esses elementos ocorrem preferencialmente na segunda posição. Campos (1935) mostra que a nomenclatura científica, técnica e literária é basicamente constituída de palavras formadas pelo modelo de composição greco-latina, no qual o primeiro radical é determinante do segundo, a exemplo do que se observa nos dados em (17), a seguir, com os quais se confirma que todos os elementos de 2ª posição ora examinados são, de fato, cabeças lexicais:

(17)	pneumólogo	saurógrafo	idólatra	hipódromo	cronômetro
	teatrólogo	taticógrafo	alcoólatra	velódromo	centímetro
	africanólogo	fotógrafo	pirólatra	canódromo	volúmetro
	geólogo	geógrafo	hipnólatra	autódromo	barômetro

Pelas descrições encontradas nas gramáticas, as formações em análise teriam, todas, pelo menos uma propriedade que as aproximaria da derivação: o fato de a cabeça lexical sempre figurar à direita. Almeida (2010) e Faria (2011) vêm demonstrando que, em português, a composição prototípica, de base livre, tem, quase categoricamente, núcleo à esquerda, seja no padrão N+N (‘bolsa-escola’, ‘sapo-boi’) ou nos padrões N+A (‘criado-mudo’, ‘secretária-eletrônica’), V+N (‘porta-celular’, ‘guarda-roupa’) e N-de-N (‘bolsa-de-estudos’, ‘copo-de-leite’). A posição da cabeça, portanto, nivela as formas em (17) aos casos mais gerais de sufixação em nossa língua.

Três deles – -logo, -latra e -dromo – são formas indiscutivelmente presas, possuindo, assim, mais uma característica das derivações ordinárias; -metro, ao contrário, corresponde a uma palavra, o substantivo ‘metro’ (“unidade de medida”), tendo, por isso mesmo, estatuto maior de lexema. Numa posição intermediária parece estar -grafo, que, apesar de não ser uma palavra, no sentido estrito do termo, manifesta um conteúdo mais lexical, talvez em função da alta frequência de formas como ‘grafar’ e ‘grafia’.

O critério posição também foi indiretamente aludido por Cunha & Cintra (1985). Considerando esse parâmetro, igualmente haveria distinção entre os formativos, pois -metro, -grafo e -logo também aparecem à esquerda, como se vê em (18), diferenciando-se, com isso, de -dromo e -latra, categoricamente adjungidos à direita:

(18)	métrico	logosfia	grafar
	metragem	logomania	grafema
	metrificar	lógica	grafia

Autores como Iorgu & Manoliu (1980), Joseph (1998) e Amiot & Dal (2007) se apoiam em argumentos históricos para mostrar que a existência de formas com um “sufixo” aparecendo na posição de radical é evidência de que se processou uma mudança no estatuto morfológico de tais elementos. Para esses autores, portanto, dados como os apresentados em (18) não são problemáticos, uma vez que corroboram o processo de gramaticalização.

Uma diferente visão sobre o estatuto desses elementos em grego (clássico e moderno) é expressa por Ralli (2007, 2008, 2010). Para começar, a autora reconhece um número de propriedades formais e funcionais que enfraqueceriam uma possível análise desses itens como sufixos, pois, em grego, formas como -logo e -grafo: (a) servem como bases para palavras prefixadas, como, por exemplo, ‘ipo-loγos’ (“responsável por suas ações”) e ‘iper-maxos’ (“defensor”), evidência de que tais elementos devem ser considerados radicais, em vez de sufixos (Ralli 2008: 156); (b) carregam um significado concreto, em comparação com os sufixos propriamente ditos, que têm papel mais funcional (categorial ou relacional) ou possuem significado mais abstrato (Ralli, 2008: 156); (c) ao contrário dos sufixos, carregam informação de valência, ou seja, informações sobre a aplicabilidade que complementos de verbos têm. Isso significa que “impõem estrutura de argumento para suas construções, herdada da base verbal subjacente” (Ralli, 2008: 157). Mais especificamente, a margem esquerda nominal, nas construções que formam, serve como complemento do verbo-base de que decorrem; (d) nas palavras que aparecem, são reconhecidos tanto pela presença do elemento que os liga, -o-, que constitui indicador de composto em grego moderno

(Petropoulou, 2009), como pela recursividade que apresentam em suas estruturas (por exemplo, [[kinoni]-o [γloss-o-loγos]] (“sociolinguista”), sendo essa última uma característica comum dos compostos em grego (Ralli, 2008: 158; Petropoulou, 2009).

No caso do português, sem dúvida alguma estamos diante de elementos extremamente diferentes dos encontrados em grego (seja clássico ou moderno), considerando praticamente todas as propriedades formais apresentadas em Ralli (2008). Em primeiro lugar, as formas portuguesas, por serem presas, de modo algum se combinam com prefixos (*indromo, *relatra). Além disso, não há, em nossa língua, um formativo que explicitamente funcione como índice de composição como um todo, seja ela de base livre ou presa. Desse modo, acaba se enfraquecendo o argumento quanto à recursividade da vogal de ligação, pois não são muito comuns compostos neoclássicos constituídos de mais de duas bases, como ‘oto-rino-laringo-log-ista’, ‘neuro-fisio-logia’ e ‘sócio-psico-lingu-ista’, apesar de a vogal -o- sempre aparecer e de fato se repetir. Voltaremos a essa questão mais adiante.

O terceiro argumento utilizado por Ralli (2008: 159) é, talvez por sua alegada validade para as línguas tomadoras (Petropoulou, 2009), o mais controverso. Em grego, compostos com -logo, -grafo e -latra têm natureza verbal. Mais especificamente, Ralli argumenta que esses elementos participam de uma ampla classe de compostos verbais ou deverbais, como ‘xartopez’ (“jogar cartas”) e ‘xartopekti’ (“jogador de cartas”): “a única diferença que apresentam em relação a esses últimos é o fato de seus elementos finais serem presos”.

Examinemos o formativo -grafo, analisado em Ralli (2009). Na língua de origem, esse elemento deriva do verbo γραφ(ο) (“escrever”), sendo interpretável, nas formas de que participa, ou como argumento interno, a exemplo de ‘vi-o-γραφ-ia’ (“descrição da vida”) e ‘ιδr-o-γραφ-ia’ (“descrição das águas da Terra”), ou como complemento – ‘kript-o-γραφ-ia’ (“algo escrito em código secreto”), ‘aut-o-γραφο’ (“escrito com as próprias mãos”). Para Petropoulou (2009), há um paralelo entre as bases presas do inglês e as do grego moderno, já que as formas em (19), a seguir, podem ser interpretadas como deverbais, com o primeiro elemento satisfazendo o argumento interno do verbo-base, de que o radical preso deriva na língua doadora:

- (19) anglophile <-phile (‘que gosta’), angl- (obj. dir. = inglês)
carnivore <-vore (‘que come’), carn- (obj. dir. = carne)
hydrogen <-gen (‘that bears’), hydr- (obj. dir. = água)
xenophobe <-phobe (‘que detesta’), xen- (obj. dir. = estrangeiro)
gastroscope <-scope (‘que observa’) gastr- (obj. dir. = estômago)
bibliophage <-phage (‘que come’), bibli- (obj. dir. = livro)

A proposta de Ralli (2008), embora bastante interessante para o grego, não é unanimemente interpretada como adequada para o inglês (e, por tabela, para o português), como sugere Petropoulou (2009). Autores como Amiot & Dal (2007) consideram essa hipótese demasiadamente abstrata, já que apela para a existência de um verbo subjacente sem qualquer respaldo na morfologia da língua tomadora.

Baeskow (2004) reconhece um estatuto nominal para os radicais presos de origem grega ou latina. Contrariando a hipótese de ten Hacken (1994:133) e de Cannon (1992: 486), de que esses constituintes, sozinhos, não apresentam propriedades categoriais, Baeskow (2004: 73) mostra que compostos neoclássicos pertencem à categoria dos nomes, mesmo sem conter qualquer sufixo responsável pela nominalização¹³. Ela apoia sua análise em dados como ‘telefone’, ‘francófono’ e ‘microscópio’, entre tantos outros, que contêm apenas bases presas e são nomes. Considerando dados como esses, Baeskow (2004: 73) interpreta como nominais todos os radicais presos que participam da chamada composição neoclássica.

No nosso entendimento, a análise de Baeskow (2004) é mais interessante para o português, pois possibilita generalizar a ideia de que o elemento mais à direita, o núcleo, determina tanto a categoria lexical quanto o gênero da palavra resultante, além de encabeçar a elaboração de uma paráfrase. Villalva (1986: 123) assim se manifesta quanto à posição do núcleo em português:

sendo o núcleo o constituinte portador de informação sintaticamente relevante, conclui-se que, em português, a regra de atribuição do núcleo se aplica ao constituinte da direita. Essa conclusão baseia-se no facto de se encontrar, nessa posição, a informação acerca da categoria lexical, nas palavras morfologicamente complexas.

No nosso entendimento, a chamada “regra de atribuição de núcleo à direita” (Williams, 1981) poderia se aplicar também às formas ora em discussão, como sustenta Villalva (1992), e explicar que os produtos são nomes pelo simples fato de seus núcleos – os elementos -latra, -logo, -dromo, -grafo e -metro – serem especificados como nomes.

Voltemos à análise de Ralli (2008) para o grego e comentemos o último argumento utilizado pela autora para negar que são afixos em grego formas como -logo e -grafo: a sistemática presença da vogal -o- como marcador de compostos. No grego moderno, mostramos Petropoulou (2009: 44), “essa vogal não é mais considerada parte do primeiro ou do

¹³ Em inglês, são os sufixos que, em geral, atribuem categoria lexical às formas com base presa de origem grega ou latina, a exemplo de ‘bibliograph-y’ e ‘biograph-er’. Esse fato levou ten Hacken (1994) e Cannon (1992) a afirmar que esses elementos não atualizam propriedades categoriais. Baeskow (2004) parte de exemplos como ‘telephone’ para mostrar que essas bases são nomes, independentemente de haver ou não sufixos nominalizadores.

segundo componente, mas um elemento de ligação”. Na língua de origem, ou seja, no grego clássico, “esse segmento correspondia a uma vogal temática, que, mais tarde, evoluiu para marcador de compostos neoclássicos e de compostos, em geral” (p. 46).

Em português, como em inglês, não há segmento fônico que ligue palavras em compostos e, em princípio, não existem marcadores de composição com bases livres nessas línguas. Por isso, análises distintas, que consideram as chamadas vogais de ligação parte integrante de um dos radicais, também devem ser consideradas. Bauer, que vem lidando com a questão há bastante tempo (Bauer, 1983; 1988; 1998), sugere que essa vogal pertence ao radical mais à esquerda, por sempre aparecer em processos de *clipping*. Em português, essa vogal sempre se atualiza no truncamento, como se vê nos dados abaixo, extraídos de Belchor (2009):

(20)	foto(grafia)	vídeo(cassete)	pólio(mielite)
	cardio(logista)	eletro(doméstico)	gastro(enterologista)
	hetero(sexual)	psico(logia)	homo(sexual)
	gineco(logista)	oftalmo(logista)	micro(ondas)
	quilo(grama)	auto(móvel)	fono(audiologia)

Baeskow (2004: 87), por outro lado, observou a existência de -o- nas "formações híbridas", aqui entendidas como combinações de formas nativas livres com radicais presos de origem clássica, a exemplo de ‘egyptologist’ (“egiptologista”) e ‘filmography’ (“filmografia”). Em português, hibridismos desse tipo são abundantes e todos, sem exceção, apresentam a vogal -o- entre as duas bases:

(21)	ovniologia	cartografia	musicologia
	museografia	bacteriometria	achologia
	umbandolatria	musicolatria	martirologia

Dados como os apresentados em (21) sugerem que a vogal em questão não é constituinte fonológico da primeira base. No entanto, qual o estatuto desse segmento? É, de fato, vogal de ligação nos compostos neoclássicos (‘astr-o-física’, ‘gastr-o-enterite’, ‘eletr-o-choque’), sendo, desse modo, coerente com a estrutura do composto na língua de origem? Deve ser considerada, por outro lado, parte integrante dos elementos de 2ª posição? Como resolver esse impasse?

Uma possível resposta às questões acima pode estar nos compostos copulativos (Sandmann, 1989) que formam adjetivos a partir de bases livres não encurtadas e estabelecem relação de coordenação (adjunção simétrica, nos termos de Villalva, 2000). Em todas as

formações a seguir, é sistemático o uso de -o- na primeira palavra, mesmo que a segunda varie em gênero e/ou número:

- | | | |
|------|-----------------------------------|--------------------------------|
| (22) | (aspectos) léxico-gramaticais | (ações) médico-hospitalares |
| | (intervenções) clínico-cirúrgicas | (políticas) público-privadas |
| | (metas) político-partidárias | (experiências) físico-químicas |

Além dessa situação, a vogal em questão se superficializa em todos os compostos determinativos de cabeça à direita, a exemplo das combinações com as bases livres -terapia e -mania, bastante usuais no português contemporâneo, como se vê em (23), a seguir. Parece, então, que a referida vogal sinaliza um padrão diferente de estruturação morfológica em nossa língua, funcionando, pois, como marcador de um tipo específico de palavra morfológicamente complexa:

- | | | | | |
|------|---------------|-------------|-----------------|---------------|
| (23) | musicoterapia | sonoterapia | proteínoterapia | floroterapia |
| | radiomania | beatlomania | orkutomania | bethaniomania |

Do ponto de vista fonológico, essa vogal parece diferente das demais postônicas do português, já que pode não se ajustar à regra de neutralização, realizando-se como [o], a exemplo de ‘breg[o]clássico’, ‘music[o]terapia’, ‘radi[o]mania’ e ‘bronc[o]embolia’. Em todos esses casos, a formação se realiza claramente em duas palavras prosódicas, já que a primeira conserva as vogais médias na posição pretônica, como ‘am[ɛ]ricomania’, ‘m[ɛ]dico-hospitalares’ e ‘[ɔ]leoterapia’.

A situação dos elementos analisados – -metro -dromo, -latra, -logo e -grafo – é um pouco diferente. Nas formas resultantes, a vogal de fronteira é tônica e, por isso mesmo, necessariamente aberta; por sua vez, os itens resultantes se realizam numa única palavra prosódica e as médias abertas das bases podem se ajustar à regra de neutralização das pretônicas, a exemplo de ‘b[ɔ]de’ >> ‘b[o]dódromo’, ‘l[ɛ]pra’ >> ‘l[e]prólogo’, ‘f[ɔ]to’ >> ‘f[o]tógrafo’ e ‘caf[ɛ]’ >> ‘caf[e]ólatra’.

No nosso entendimento, a classificação desses elementos como vogais de ligação é menos óbvia. Primeiro porque vogais dessa natureza tendem a não portar acento (Katamba, 1990; Spencer, 1990) e geralmente aparecem por questões fonotáticas (p. ex., desfazimento de grupos consonantais impróprios). Em segundo lugar porque, em termos históricos, havia ampla oscilação nos segmentos vocálicos anteriores a -metro, -logo e -grafo, como se vê nos exemplos a seguir:

(24)	rotâmetro	voltâmetro	marêmetro	telêmetro	acustímetro
	análogo	catálogo	trílogo	epílogo	homólogo
	parágrafo	telégrafo	estratígrafo	postígrafo	mimeógrafo

Além disso, significados como “agente” e “instrumento”, obtidos em português unicamente com a adjunção dos formativos, manifestam-se, em inglês, com sufixos como -er e -ist, como se constata nos dados a seguir:

(25)	biógrafo	biographer	biólogo	biologist
	ornitólogo	ornithologist	idólatra	idolater
	geólogo	geologist	geógrafo	geographer
	astrólogo	astrologer	arqueólogo	archaeologist

Em Rondinini (2004) e Rondinini & Gonçalves (2007), as vogais anteriores a -logo e -grafo foram interpretadas como parte integrante dos elementos à direita, considerados formas em processo de gramaticalização, isto é, partículas transitando da composição para a derivação, num caminho parecido com o de -mente. O acento na antepenúltima sílaba sinalizaria tal mudança. Os critérios empíricos discutidos em Kastovsky (2009) podem ser úteis na tarefa de checar o verdadeiro estatuto dessas formas no atual estágio da língua, como comentamos na próxima seção.

5. CRITÉRIOS PARA DIFERENCIAR RAÍZES DE AFIXOS (KASTOVSKY, 2009)

Kastovsky (2009), com base em Préié (2008), estabelece alguns critérios para diferenciar afixos de radicais e/ou formas combinatórias. Os parâmetros empregados por Préié (2008) são elencados em (26):

(26) 1. expansão de inventários, 2. forma distinta, 3. restrições de co-ocorrência, 4. função sintática, 5. relação cabeça-modificador, 6. natureza do significado, 7. padrão morfossemântico, 8. produtividade.

O critério (1) remete à ideia de que afixos pertencem a um conjunto (relativamente) fechado de unidades gramaticais e, em decorrência, novos elementos raramente são admitidos; formas combinatórias, ao contrário, pertencem a um conjunto (relativamente) aberto de unidades léxico-gramaticais e, por isso mesmo, novos itens são admitidos. De acordo com Kastovsky (*op. cit.*: 05), esse critério é duvidoso por dois motivos, fundamentalmente: (i) cria precedente, ao empregar o advérbio ‘relativamente’; e, sobretudo,

(ii) pode ser refutado por evidências históricas encontradas em várias línguas, uma vez que a categoria afixo pode ter seu inventário expandido, seja por empréstimos ou por mudança em itens lexicais independentes, como documentado, por exemplo, em Joseph (1998).

No critério seguinte, forma distinta, diferencia-se afixo de *forma combinatória* (daqui em diante, FC) nos seguintes termos (Préié, 2008: 320): afixos apresentam formas fonéticas diferentes, enquanto FCs, dependendo da análise, terminam ('astro', 'bio') ou iniciam num mesmo segmento ('ólogo', 'ódromo', 'ólatra'). Para nós, esse argumento também não é inteiramente consistente, pois vários sufixos do português se iniciam por [i] e seu estatuto de afixo nunca foi questionado:

(27)	-ia ('reitoria')	-ismo ('terrorismo')	-ista ('motorista')
	-ice ('burrice')	-inho ('copinho')	-íssimo ('belíssimo')
	-ico ('calórico')	-ite ('laringite')	-imo ('acrécimo')
	-icha ('barbicha')	-isco ('chuveiro')	-iço ('quebradiço')
	-izar ('utilizar')	-itar ('saltitar')	-iscar ('mordiscar')

O parâmetro restrições de co-ocorrência, com o qual se observa que tipo de constituinte morfológico se combina com o elemento em análise, leva-nos a categorizar como sufixais todas as construções em exame, uma vez que se adjungem, do mesmo modo que sufixos ditos legítimos, tanto a formas com livre-curso ('impostômetro', 'sapatólatra'; 'faringite', 'preguicite') quanto a radicais presos ('cronômetro', 'termômetro'; 'bursite', 'otite').

Como observa Kastovsky (2009: 06), os critérios (4), função sintática, e (5), relação cabeça-modificador, não são realmente diferentes e se referem ao tipo de relação que se estabelece entre os constituintes núcleo (cabeça / *determinatum*) e subordinado (modificador / determinante). Já destacamos que os elementos -logo, -grafo, -metro, -latra e -dromo são cabeças das construções de participam, pois determinam tanto o gênero quanto a categoria lexical do produto, sendo, por isso, interpretados como sufixos.

O critério seguinte, natureza do significado, possibilita observar a densidade semântica dos elementos morfológicos: afixos têm, em geral, significados menos densos, enquanto FCs e radicais, segundo Préié (2008: 322), são "semanticamente mais ricos, quaisquer que sejam seus significados". Ralli (2008) também se vale desse parâmetro para confirmar a natureza não sufixal de constituintes como os analisados em grego moderno. Para ela, tais formas portam um significado lexical, que caracteriza raízes / lexemas, mas não afixos: "afixos expressam valores categoriais ou relacionais, manifestam noções temporais, espaciais, qualitativas e agentividade, restringindo o tipo de bases a que são adicionados e determinam o

tipo de significado da palavra derivada (Iacobini, 2004: 75). Em contraste, “lexemas expressam um conceito autônomo denotativo” (Iacobini, *op. cit.*: 75).

Para Ralli (2010), as chamadas raízes de fronteira pertencem à segunda categoria, lexema, uma vez que não restringem o significado dos componentes com os quais se combinam – “as formações de que participam geralmente se referem a um significado agentivo (‘*anθropofayos*’, “devorador de homens, canibal”), instrumental (‘*karδioγrafos*’, “aparelho que registra os movimentos do coração”) ou experimentador (‘*efθinofovos*’, “que teme responsabilidades”)

O critério densidade semântica parece interessante para diferenciar prefixos de sufixos ou formas combinatórias, mas não necessariamente formas combinatórias de sufixos. Esses últimos manifestam significados que variam muito em peso, indo desde os que mudam classes e pouco contribuem para o significado da forma resultante até os que veiculam noções bastante especializadas, como é o caso de -ada, em dados como ‘rabada’, ‘macarronada’ e ‘feijoada’. De acordo com Kastovsky (2009: 06), esse critério “aponta para uma escala em vez de uma distinção do tipo “tudo ou nada” (*all-or-none*)”.

Os significados expressos pelos formativos em exame – agente, locativo e instrumento – não diferem substancialmente dos encontrados em vários sufixos do português, a exemplo de -eiro, -ário, -ista e -dor. Esse critério, portanto, poderia ser utilizado em favor da análise de tais elementos como afixos.

Resta falar, ainda, de dois parâmetros discutidos em Kastovsky (2009): padrão morfossemântico e produtividade. O primeiro envolve a padronização automática, recorrente e modelada de palavras derivadas, enquanto FCs podem variar em estrutura, como os compostos. O próprio Préié (2008) admite que algumas FCs são fixas e acabam criando padrões morfossemânticos semelhantes aos da derivação, o que se confirma nos dados que estamos investigando. Por fim, a produtividade, aqui entendida como passível de gradação, novamente nos levaria a analisar os elementos como afixos, pois formam palavras em série no português brasileiro.

As novas formações distanciam-se – e muito – dos eruditismos mais antigos e experimentam usos até bastante populares, como comprovam os exemplos em (28), abaixo, em que as bases em nada lembram os opacos elementos que figuravam à esquerda:

(28)	beijólogo	barrigólogo	cigarrólogo	bucetólogo
	boiolódromo	bodódromo	fumódromo	trepódromo
	desconfiômetro	olhômetro	mancômetro	boiolômetro
	orkutólatra	cinemólatra	coca-cólatra	cuzólatra

Os dados em (28) comprovam que os constituintes moveram-se para além dos domínios da composição prototípica, aparecendo em novos contextos e assumindo novos papéis. Ralli (2010: 2) destaca que há, na literatura, uma suposição implícita de que os elementos presos que aparecem como constituintes nessas construções devem ser tratados como formalmente aprendidos, “uma vez que não são produto da evolução natural, mas foram recuperados das línguas clássicas, principalmente nos últimos dois séculos”.

Embora falantes comuns não necessariamente tenham conhecimento etimológico, é evidente, a partir do uso, que a maioria das construções com esses elementos presos não corresponde a palavras fossilizadas. Nas novas formações, ao contrário, há transparência estrutural e semântica e as condições de isolabilidade dos formativos não poderiam ser melhores. Além disso, os itens lexicais resultantes não têm uso restrito na língua; também são empregados na linguagem cotidiana e fazem parte do vocabulário comum. Pode-se concluir, portanto, que as formações em -dromo, -latra, -metro, -logo e -grafo apresentam vários atributos que nos levariam a rever a posição de que são compostas as palavras com esses constituintes.

6. BREVE COMPARAÇÃO INTERLINGUÍSTICA E PALAVRAS FINAIS

No presente artigo, procuramos mostrar que, em português, os compostos neoclássicos estão bem longe de formar uma classe homogênea de elementos morfológicos. Como vimos, nem todos os formativos de origem grega ou latina têm as mesmas limitações posicionais: alguns podem aparecer em posição inicial ou final (‘antropo’), vários deles somente na posição inicial (micro-) e outros apenas em posição final (-dromo). Consequentemente, não são todos do mesmo tipo e não podem ser analisados da mesma maneira, já que apresentam estatuto diferente.

Abordagens sobre a composição neoclássica variam de acordo com a língua, com os critérios levados em conta – a natureza dos elementos, se sua posição é ou não fixa, a o tipo de significado que atualizam (lexical ou gramatical), suas propriedades fonológicas, suas restrições de combinação – e com o modelo de análise utilizado. Amiot & Dal (2007) observam que as análises levam a quatro resultados principais: esse mecanismo envolve (i) afixos, (ii) radicais, (iii) radicais em alguns casos e afixos em outros, (iv) nem afixos nem radicais.

Booij (1992) considera que a composição neoclássica não envolve afixos, mas raízes não nativas, identificando, para o holandês, dois padrões básicos de formação: “radical + palavra” e “radical + radical”. Plag (2003) adota postura bastante semelhante para o inglês. Acrescenta, ainda, que elementos neoclássicos, mesmo quando têm posição fixa na estrutura da palavra, nunca são afixos; são radicais de fronteira.

Scalise (1984) e Corbin (2001) também fazem distinção clara entre afixos, de um lado, e elementos neoclássicos (radicais de fronteira, para Scalise, e arqueconstituintes, para Corbin), de outro. Em Corbin (*op. cit.*), a distinção é baseada em um critério semântico. Para ela, afixos têm “sentido de instrução (são operadores), enquanto arqueconstituintes têm significado descritivo”. A autora usa esse critério para distinguir entre elementos como *arqui-* e *pré-*, afixos, e *-filo*, *-grafo*, *aero-* e *gastro-*, arqueconstituintes. O critério que utiliza permite distinguir dois *micro-* em francês: prefixo, quando, associado a um substantivo de medição (‘microseconde’), e arqueconstituinte, com um significado adjetivo em outros casos (por exemplo, em ‘micro-organisme’). Portanto, a única diferença entre prefixo e arqueconstituinte é o tipo de significado que veiculam.

Em um enfoque similar, Iacobini (2004) analisa a composição neoclássica no italiano. Ele também considera os elementos gregos e latinos heterogêneos nessa língua, mas distingue três subcategorias: (a) composição neoclássica com sentido lexical, (b) prefixos de origem clássica e (c) um terceiro tipo, que não é rotulado, com o uso de *-crata*, *-voro* e *-fero*, entre outros, na fronteira entre lexemas e sufixos. Tal como na sufixação, esse terceiro tipo envolve elementos altamente produtivos que ocorrem somente em posição final.

Warren (1990) propõe uma análise diferente. Embora tanto radicais quanto elementos neoclássicos tenham conteúdo lexical, a composição com formas gregas e latinas não envolve radicais porque os constituintes não correspondem a palavras. Para ele, a composição neoclássica opera com formativos irreduzíveis a categorias de outros sistemas de formação de palavras.

De acordo com Amiot & Dal (2007), quando está em jogo a relação entre a composição neoclássica e a composição nativa, em geral são tomadas duas atitudes:

- a) enfatizar as diferenças entre os dois tipos de formação, a exemplo de Warren (1990) ou Plag (2003). Plag (*op. cit.*: 159), por exemplo, sublinha o fato de compostos neoclássicos “terem propriedades formais (combinatórias e fonológicas, como a presença da vogal de ligação entre os dois elementos) que os distinguem dos outros tipos de compostos”. Do mesmo modo, Ralli (2010: 5) observa que, no

grego moderno, “radicais de fronteira obedecem a uma série de restrições que não afetam os compostos regulares”; e

- b) enfatizar as semelhanças, de duas maneiras diferentes: com outros compostos ou com outros processos de formação de palavras.

Alguns estudiosos, como o Booij (1992) e Scalise (1984), assinalam o fato de compostos neoclássicos partilharem propriedades com compostos propriamente ditos. Por exemplo, Booij (1992: 56) afirma que compostos não nativos estão “em conformidade com o padrão geral de composição em holandês, em que o segundo componente é a cabeça”.

A outra maneira de enfatizar as semelhanças entre os dois tipos de composição, mostram Amiot & Dal (2007), é através do compartilhamento de propriedades não apenas com afixos ou lexemas, mas também com outros processos de formação de palavras, a exemplo do cruzamento vocabular, do truncamento e da recomposição. Os trabalhos de Bauer (1998), Iacobini (2004) ou Lüdeling *et al.* (2002) seguem essa linha de investigação.

Para Bauer (1998: 419-420), por exemplo, “a composição neoclássica é um nome para um subdivisão relativamente (mas não completamente) arbitrária da esfera da criação de palavras e deve ser visto como um protótipo”. Para o autor, a criação de palavras é concebida como um espaço tridimensional cujos três parâmetros são: (a) pertença ao léxico patrimonial (nativo *versus* estrangeiro), (b) tipo de formação (simples / composta / derivada) e (c) grau de encurtamento (plena / encurtada). Desse modo, a composição neoclássica constitui expressão utilizada para rotular uma parte desse espaço.

Lüdeling *et al.* (2002: 253) têm visão muito diferente sobre o assunto. Para eles, não há diferença clara entre radicais neoclássicos e afixos, mas seus resultados são semelhantes aos de Bauer (pelo menos para o alemão): não há diferença clara entre a formação de palavras neoclássicas e nativas, “porque não há propriedades fonológicas nem diferenças na combinabilidade ou na produtividade desses elementos que possam ser usadas para distingui-los de formas nativas”. De acordo com esses autores, a relação entre a composição neoclássica e a composição nativa tem de ser concebida como um *continuum*.

Ralli (2010) também admite a existência de um *continuum*, mas não entre tipos de compostos. Para ela, a questão que está em jogo é se existem limites precisos entre as diversas categorias morfológicas – afixos, radicais e palavras. Em sua análise, essas categorias são colocadas em um *continuum* morfológico, determinado por propriedades como a natureza do significado e a dependência estrutural do constituinte. Afixos e palavras ocupam os dois polos. Radicais e radicais fronteira são situados no meio, com radicais de fronteira ocupando

uma posição entre os radicais e afixos. Essa abordagem representa as semelhanças que podem ser compartilhadas por diferentes categorias, como, por exemplo, o fato de afixos e radicais de fronteira serem formas presas.

Kastovsky (2009: 11), por sua vez, mostra que o verdadeiro problema, que “raramente tem sido articulado, é a demarcação entre a composição e a afixação, em geral, entre as quais uma estrita linha divisória não parece existir sincronicamente”. Em decorrência, argumenta contra a existência de uma categoria que, nos últimos anos, vem ganhando destaque: *forma combinatória*. Para ele, as categorias palavra, radical, afixo, afixoide, truncamento e blend, necessárias na formação de palavras por razões independentes, são suficientes para lidar com as formações aqui analisadas.

Além disso, Kastovsky (*op. cit.*: 12) sugere que composição, afixação, truncamento e cruzamento vocabular sejam consideradas padrões prototípicos dispostos em uma escala de constituintes progressivamente menos independentes, variando da palavra à sigla, passando por categorias como radicais, afixoide e *splinters* (componentes de *blends*). A escala idealizada por Kastovsky (2009) aparece formalizada em (29), a seguir:

(29) composição (palavra) >> composição de base presa (radical) >> afixoide >> afixação propriamente dita (baseada em radical ou palavra) >> compostos truncados (encurtamento de palavras/radicais) >> fusão vocabular >> *splinters* >> acronímia.

Para Kastovsky (*op. cit.*: 12), a escala em (29) interage com a heterogeneidade tipológica do sistema de formação de palavras em inglês, que, como o português, permite tanto palavras quanto radicais como entrada para processos de formação de palavras. Portanto, argumenta que “a noção de forma combinatória é algo como um arenque vermelho em lexicologia, porque cria mais problemas do que os resolve e deve ser descartada”.

Também Bauer (2005) propõe um *continuum*, mas não entre categorias morfológicas ou processos de formação de palavras como um todo. Esse autor aborda mais de perto as diferenças entre composição e derivação, que considera de natureza gradiente ou escalar. Na conclusão de seu trabalho, Bauer (2005: 107) faz a seguinte afirmação:

O problema não está na distinção entre composição e derivação – definidas a partir da oposição palavras/afixos obrigatoriamente presos; isso está OK. O problema está em certos elementos terem ou deixarem de ter estatuto compatível com uma outra categoria: formas que ocorrem na segunda posição em compostos, preposições / advérbios que se comportam como prefixos, morfemas únicos em processo de independência, pedaços de palavras ascendendo ao status de afixo.

Bauer (2005) mostra que composição e derivação se interrelacionam de diversas maneiras, apesar de envolverem diferentes unidades de análise. Como o autor, acreditamos que essas operações morfológicas são os polos prototípicos de uma escala, havendo, por isso mesmo, casos claramente analisáveis como compostos ou derivados e outros mais difusos, que transitam ao longo de um *continuum* como o formalizado em (30), a seguir:

(30)

Derivação	Composição

>>>>>>>> do mais derivacional para o menos derivacional	

No nosso entendimento, os diversos elementos neoclássicos do português, por não formar uma classe homogênea, como em outras línguas, posicionam-se em diferentes lugares desse *continuum*, havendo desde formativos com mais propriedades de compostos a formas com comportamento bem próximo do das derivações prototípicas.

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA, Ma. Lucia Leitão. *Bolsas e cabeças de todos os tipos*. Comunicação apresentada no II Seminário do NEMP. Rio de Janeiro: UFRJ, mimeo, 2010.
2. AMIOT, Dany & DAL, Georgette. Integrating Neoclassical Combining Forms into a Lexeme-Based Morphology. In: Booij, G. *et al.* (eds.). *On-line Proceedings of the Fifth Mediterranean Morphology Meeting (MMM5)*. University of Bologna, p. 322-336, 2007.
3. AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa – digital*. São Paulo: Lexikon, 2009.
4. AURÉLIO, Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
5. BASÍLIO, Margarida. O princípio da analogia na constituição do léxico: regras são clichês lexicais. *Veredas* (UFJF), Juiz de Fora, v. 1, p. 9-21, 1997.
6. BAESKOW, H. *Lexical Properties of Selected Non-native Morphemes of English*. Tübingen: Gunter Narr, 2004.
7. BAUER, Laurie. The Borderline between Derivation and Compounding. In: Dressler, W. *et al.* (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, p. 97-108.

8. BAUER, Laurie. Is there a class of neoclassical compounds, and if so, is it productive? *Linguistics* 36/3, 1988, p. 403-422.
9. BAUER, Laurie. *English Word-Formation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
10. BAUER, Laurie. Against Word-Based Morphology. *Linguistic Inquiry* 10/3, 1979, p. 508-509.
11. BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000
12. BELCHOR, Ana Paula Victoriano. *Construções de truncamento no português do Brasil: análise estrutural à luz da Teoria da Otimidade*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.
13. BOOIJ, Geert. *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
14. BOOIJ, Geert. Compounding and Derivation. Evidence for Construction Morphology. In: W. Dressler et al. (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, pp. 109-131.
15. BOOIJ, Geert. Compounding in Dutch. *Rivista di Linguistica* 4/1, 1992, 37-59.
16. BUENO, Francisco da Silveira. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Lisa, 1988.
17. CAMPOS, José Luis. Formação de palavras derivadas da língua portuguesa. In: *RLP*, ano XVI, no 68, 1935, pp. 1-20.
18. CANNON, G. Bound-morpheme items: new patterns of derivation. In: Blank, C. (ed.). *Language and Civilization: a concerted profusion of essays and studies in honour of Otto Hietsch*, 478-494. Frankfurt [etc.]: Peter Lang Publishers, 1992.
19. CONTENTE, Ma. M. D. Marques. *Terminocriatividade, Sinonímia e equivalência interlinguística em Medicina*. Lisboa: Edições Colibri, 2008.
20. CORBIN, Danielle. Préfixes et suffixes: du sens aux catégories. *Journal of French Language Studies* 11/1, 2001, p. 41-69.
21. CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
22. CUNHA, Celso Ferreira. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC/FENAME, 1975.
23. FABB, Nigel. Compounding. In: Andrew Spencer & Arnold Zwicky (eds.). *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell, 1998, pp. 66-83.

24. FARIA, André Luiz. Análise morfossemântica dos compostos nominais transferenciais. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2011.
25. GIANNOULOPOULOU, G.. *Morphosemantic Comparison of Affixes and Confixes in Modern Greek and Italian*. PhD Diss, Aristotle University of Thessaloniki, 2000.
26. GÓES, Carlos. *Dicionário de raízes e cognatos da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: P. de Azevedo, 1945.
27. GÓES, Carlos. *Dicionário de afixos e desinências*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1937.
28. GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Composição e derivação: polos prototípicos de um continuum? Pequeno estudo de casos*. Comunicação apresentada no I Congresso Internacional de Estudos do Léxico. Salvador: UFBA, mimeo, 2011.
29. GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Flexão e Derivação em português*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
30. GONÇALVES, Carlos Alexandre; ANDRADE, Katia Emmerick; ALMEIDA, Maria L. Leitão. Se a macumba é para o bem, então é boacumba: análise morfoprosódica e semântico-cognitiva da substituição sublexical em português. *Linguística* (Rio de Janeiro), v. 6, 2010, p. 64-82.
31. HECKLER, Evaldo et al. *Dicionário morfológico da língua portuguesa*. Porto Alegre: UNISINOS, 1981.
32. HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2001.
33. IACOBINI, Claudio. *Composizione con elementi neoclassici*. In Grossmann, M. & Rainer, F. (eds). *La formazione delle parole in italiano*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2004, p. 69-95.
34. IORGU, Jordan & MANOLIU, María. *Manual de lingüística românica*. Madrid: Gredos, 1980.
35. JESPERSEN, O. *Die Sprache, Ihre Natur, Entwicklung und Entstehung*. Heidelberg: Carl Winters Universitaetsbuchhandlung. 1925
36. JOSEPH, Brian. Diachronic Morphology. In: Andrew Spencer & Arnold Zwick (eds.). *The handbook of morphology*. London: Basil Blackwell, 1998.
37. KATAMBA, Francis. *Morphology*. New York: Saint Martin Press, 1990.
38. KEHDI, Valer. *Morfemas do português*. São Paulo: Ática, 1989

39. KASTOVSKY, Dieter. Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms, classical compounds and affixoids. In: McConchie, R. W. *et al.* (eds.). *Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HEL-LEX 2)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2009, p. 1-13.
40. LEHRER, Adrienne. Scapes, holics and thons: the semantics of combining forms. *American Speech*, 73 (1), 1998, p. 3-28.
41. LAROCA, Ma. Nazaré de Carvalho. *Manual de morfologia do português*. Campinas: Pontes, 1994
42. LÜDELING, Anke. *Neoclassical word-formation*. Berlin: Universität zu Berlin, 2009.
43. LÜDELING, Anke; SCHMID, Tanja; KIOKPASOGLU, Sawwas. Neoclassical Word Formation in German. *Yearbook of Morphology 2001*, p. 253-283, 2002.
44. LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. Porto alegre: Globo, 1978.
45. MARCHAND, Hans. *The Categories and Types of Present-day English Word-formation*. München: Beck, 1969.
46. MARTINET, Andrè. *Grammaire Fonctionnelle du Français*. Paris: Didier, 1979.
47. MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. São Paulo: Pontes, 1989.
48. MICHAËLLIS, C. *Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2007.
49. PETROPOULOU, Evanthia. On the parallel between neoclassical compounds in English and Modern Greek. *Patras Working Papers in Linguistics*. Atenas, vol. 1, 2009, p. 40-58.
50. PLAG, Ingo. *Word-Formation in English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
51. PRÉIÉ, Tvrtko. Suffixes vs. final combining forms in English: a lexicographic perspective. *International Journal of Lexicography* 21, 2008.
52. RALLI, Angela. Compounding versus derivation. In: Scalise, S.& Vogel, I. (eds.) *The Benjamins Handbook of Compounding*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010.
53. RALLI, Angela. I.E. Hellenic: Modern Greek. In: Lieber, Rochelle & Stekauer, Pavol (eds.). *The Oxford Handbook of Compounding*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2009, p. 453-463.
54. RALLI, Angela. Compound Markers and Parametric Variation. *Language Typology and Universals (STUF)*, 2008, p. 61: 19-38.
55. RALLI, Angela. Compounds in Modern Greek. *Rivista di Linguistica* 4 (1): 143-174, 2007.

56. RONDININI, Roberto Botelho. *Formações X-ólogo e X-ógrafo no português: uma abordagem derivacional*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/Faculdade de Letras, 2004.
57. RONDININI, Roberto Botelho & GONÇALVES, Carlos Alexandre. Formações X-logo e X-grafo: um caso de deslocamento da composição para a derivação? In: *Textos selecionados do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (APL)*. Coimbra/Lisboa: Colibri, v. 22, p. 533-546, 2006.
58. SANDMANN, Antônio José. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1989.
59. SCALISE, Sergio. *Generative Morphology*. Foris: Dordrecht, 1984.
60. SCHMIDT, Günter Dieterich. Das Affixoid: Zur Notwendigkeit und Brauchbarkeit eines beliebten Zwischenbegriffs der Wortbildung. In: H., Gabriele (ed.). *Deutsche Lehnwortbildung*. Tübingen: Narr, 1987, 53-101.
61. SPENCER, A. *Morphological theory*. Cambridge: Blackwell, 1990.
62. ten HACKEN, Pius. *Defining Morphology: a principled approach to determining the boundaries of compounding, derivation, and inflection*. Hildesheim: Olms, 1994.
63. TOMASZEWICZ, Ewa. Novel words with final combining forms in English: a case for blends in word formation. *Poznań Studies in Contemporary Linguistics* 44(3), 2008, p. 363–378.
64. VILLALVA, Alina. *Estruturas Morfológicas. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*. Lisboa: FCG, 2000.
65. VILLALVA, Alina. Portuguese compounds. *Rivista di Linguistica* 4.1, 1992, p. 201-219.
66. VILLALVA, Alina. *Análise Morfológica do Português*. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa). Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1986.
67. WARREN, Beatrice. The importance of combining forms. In: Dressler, Wolfgang U., Hans C. Luschützky Oskar E. Pfeiffer & John R. Rennison (eds.). *Contemporary morphology*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1990, pp. 111–132.
68. WEXLER, Paul. Towards a structural definition of ‘internationalisms’. *Linguistics* 48: 77-92, 1969.
69. WILLIAMS, Edward. On the notions 'lexically related' and 'head of a word'. *Linguistic Inquiry* 12, 1981, p. 245-274.

ABSTRACT: This article analyzes a set of morphologically complex words of Portuguese commonly called “neo-classical compounds” – morphological buildings with bases attached to Greek or Latin origin, like ‘sociopath’, ‘pedophilia’ and ‘xenophobic’, among many others. The main objective of this study is to examine

the structure of these words, whereas for both (i) the status of the constituent elements and (ii) its relationship with formations of a similar nature in languages like English, French and modern Greek.

KEYWORDS: compounding; derivation; *continuum*; erudit forms.